

Representações da maternidade nigeriana:
patriarcado, resistência e a desconstrução do ideal materno
em *The Joys of Motherhood*, de Buchi Emecheta

Osaro Isi Oghadeva^{1*} 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Autor de correspondência: osarooghadeva@gmail.com

RESUMO

Este artigo examina múltiplas maneiras pelas quais o patriarcado estrutura as experiências vividas por mães nigerianas através das esferas interligadas da religião, da sociedade e da educação, utilizando *The Joys of Motherhood* (As alegrias da maternidade), de Buchi Emecheta, como lente literária principal. Fundamentado em referenciais teóricos feministas e pós-coloniais, o estudo analisa como as normas patriarcais ditam as expectativas maternas, a autoridade moral e as responsabilidades de gênero, posicionando a maternidade tanto como um espaço de valor cultural quanto de profunda vulnerabilidade. Através da personagem Nnu Ego, Emecheta expõe como as tradições religiosas reforçam a feminilidade prescrita, como as expectativas sociais naturalizam os sacrifícios das mulheres como marcadores de virtude e como o acesso limitado à educação formal perpetua a dependência econômica e emocional das mulheres. O artigo argumenta que *The Joys of Motherhood* não apenas critica os mecanismos estruturais que sustentam o poder patriarcal, mas também ilumina o preço emocional e material infligido às mães que se esforçam para cumprir papéis idealizados dentro de um sistema desigual. Ao destacar essas dinâmicas, o estudo contribui para discussões mais amplas sobre gênero, maternidade e transformação social nos estudos literários e culturais nigerianos.

PALAVRAS-CHAVE:

Patriarcado
Maternidade
Sociedade nigeriana
Religião
Educação

SUBMETIDO: 5 de setembro de 2025 | **ACEITO:** 18 de outubro de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025

© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Por séculos e ainda em décadas recentes, as mães nigerianas foram destituídas de privilégios e direitos. Elas foram tratadas como fábricas de fazer bebês, incubadoras e não muito mais. A mulher nigeriana é vista como menor, inferior ao marido. Muitas vezes, é tratada ainda pior se não der à luz filhos homens, que são

considerados os herdeiros legítimos da riqueza da família. Como efeito do patriarcado, ainda existe na Nigéria castigo e humilhação se uma mulher for estéril ou mãe de apenas crianças mulheres. Percebe-se que não importa quão bem-sucedida uma mulher seja politicamente, economicamente ou intelectualmente, ela só terá seu valor reconhecido como esposa e mãe, especialmente como mãe de filhos homens. Assim, as mulheres têm sido submetidas a sentimentos de inferioridade, a crises de identidade, à falta de perspectiva, à perda de filhos, à esterilidade e improdutividade devido às dificuldades e obrigações do casamento, do parto e da maternidade.

Sou inspirada pelas lutas da minha mãe biológica e de outras mães nigerianas que vivenciaram essa negatividade. Além do esforço por entender melhor as lutas da mãe nigeriana, nasceu em mim o interesse que este trabalho integra. Com minhas descobertas, vou me aprofundar nas lacunas e fazer contribuições para uma melhor compreensão e valorização da maternidade negra em particular. O meu desejo é que, quando eu também me tornar uma mãe nigeriana, as estruturas do patriarcado já estejam sendo desconstruídas e que a maternidade seja valorizada em sua totalidade, não pelo gênero do ser que carregamos em nosso ventre, mas pela força, pela entrega e pela beleza que habitam cada mãe.

Em vista disso, os seguintes conceitos relevantes para este artigo serão brevemente desenvolvidos com a finalidade de esboçar uma breve reflexão acerca da questão da maternidade na Nigéria.

Maternidade

Hélène Cixous (1976, p.880) explica a maternidade como uma “fonte de criatividade, uma fonte de vida e uma fonte de transformação que desafia noções tradicionais de poder e autoridade”. A maternidade vai além da biologia ou do parto e, como afirma Sadhguru (2024), a beleza da maternidade não está na reprodução, mas sim no ato de inclusão. É além do processo físico de dar à luz que define uma mãe, mas sim, sua disposição em ver seu filho como uma extensão de si mesma e, assim, as mães são muito importantes para a sociedade.

Além disso, a experiência da maternidade difere de mãe para mãe com base em país, raça, religião, sexualidade, idade, dentre outros aspectos. Algumas

mães, em sintonia com a sociedade em que vivem, têm uma experiência mais fácil, saudável e segura, enquanto outras não têm acesso a uma maternidade que inclua reconhecimento e dignidade.

No seu livro, *o segundo sexo*, Beauvoir fala sobre “os tratamentos severos de mulheres, mães, nos dias atuais e no passado” (Beauvoir *apud* Thurman, 2011, p.13). O livro contribui para o feminismo, especialmente na segunda onda do feminismo, porque Beauvoir examina em detalhes como “as mulheres são tratadas como ‘outras’ e como o homem define as mulheres não como elas são, mas como relativas a ele” (Beauvoir, 1953, p.xv-xxix). Beauvoir explica ainda que o processo de emancipação da mulher nas sociedades industriais modernas pode ser dividido em dois momentos, que têm no modo como a maternidade é socialmente considerada seu ponto de virada: primeiramente sua condição se definia pela “participação das mulheres na produção (parto)” (Beauvoir, 2009, p.139) sendo a maternidade responsável pela reprodução demográfica de uma sociedade, por essa razão um dos alvos da luta feminista para a superação dessa condição passa pela conquista da “liberdade da escravidão reprodutiva” pois “a maternidade tornava a mulher ‘presa ao seu corpo’ e, portanto, fácil para a dominação dos homens” (Beauvoir, 2009, p.75).

O dia-a-dia é uma luta para as mães, pois elas são afetadas por desafios como o da autoestima e do constrangimento corporal durante a gravidez e após o parto, desafios de saúde mental já por ser dona de casa sem independência financeira e, em alguns casos, ainda ser mãe solo, sofrer violência doméstica e ameaça de feminicídio, expectativas de gênero difíceis que atravessam a maternidade. Fishleder (2023) define a maternidade patriarcal como a forma como a cultura trata as mães na sociedade e como isso favorece os homens. Com base na filósofa da maternidade, Andrea O'Reilly, em seu livro *Mother Outlaws: Theories and practices of empowered mothering*, confirma que existem regras implícitas sobre a “boa maternidade” em uma sociedade patriarcal. Algumas dessas regras são: “As crianças só podem ser devidamente cuidadas por suas mães biológicas, uma mãe deve sempre priorizar seu filho acima de si mesma, as mães devem encontrar propósito e realização absolutos por meio da maternidade, a maternidade não tem relevância política, etc.” (O'Reilly, 2006, p.64).

A maternidade é o período de concepção e parto, seguido de todo o processo que acompanha a gravidez e puerpério, que evolui para os estágios subsequentes de cuidado materno em relação à criança, da infância à adolescência e até mesmo à idade adulta. A maternidade é uma experiência desafiadora para as mulheres em geral em qualquer lugar do mundo, e alguns dos problemas prevalentes na Nigéria são os que passo a indicar.

Na Nigéria, a taxa de mortalidade estimada é de 814 mortes por 100 mil nascimentos, dando ao país uma das maiores mortalidades do mundo. A grande maioria das mulheres na Nigéria não têm acesso a cuidados de saúde de qualidade, incorrendo assim em complicações durante a gravidez e o parto. A mutilação genital feminina e os casamentos precoces também afetam a maternidade e o mais crucialmente prejudicial é a pobreza e o subdesenvolvimento econômico que limitam as mulheres à educação básica, e afetam diretamente a nutrição e os cuidados de saúde durante e após o parto. A estigmatização e o castigo de mulheres solteiras ou gestações na adolescência também afetam a tranquilidade da maternidade na Nigéria. Outros desafios que as mães nigerianas enfrentam são a discriminação dos direitos reprodutivos e da autonomia das mulheres, a falta de conscientização e a educação limitadas, além das complicações culturais e religiosas.

Sendo a maternidade na Nigéria o tema central deste artigo, buscamos tomar consciência sobre as experiências das mães nigerianas por meio da obra de arte literária *The Joys of Motherhood* (As alegrias da maternidade), de Buchi Emecheta, para demonstrar como as mulheres nigerianas são subjugadas a condições duras e desfavoráveis durante o processo de parto e indicar caminhos a seguir para que os governos, os provedores de saúde e as instituições religiosas, sociais, políticas e econômicas possam levar a uma melhoria da maternidade na Nigéria.

Patriarcado

O patriarcado é definido como uma instituição ou sistema social majoritariamente controlado por homens, ou seja, os homens detêm a supremacia na facilitação da sociedade, economicamente, socialmente, politicamente, culturalmente, religiosamente, legalmente, etc. O termo patriarcado vem da palavra grega *patriarkhēs* que significa o “governo do pai”. De acordo com o *Greek English*

Lexicon (Lidell et al., 1843) *Patria* significa pai e *arkhē* significa dominação ou autoridade (Green, 2010, p.969). Antes do século XX, o patriarcado significava o “governo ditatorial pelo chefe masculino da casa ou família, no entanto, significou mais no século XX, pois foi cunhado para demonstrar a desigualdade do governo absoluto dos homens sobre as mulheres” e as limitações que as mulheres enfrentavam na sociedade (Lerner, 1986, p.238).

E também, Catalano (2016, p.287) afirma que o patriarcado teve origem no surgimento da propriedade privada, onde os homens comandavam a casa, controlando as mulheres e passando a herança para os filhos homens, deixando às mulheres apenas as tarefas domésticas e a criação dos filhos. Lerner (1986, p.8) afirma que com base em registros históricos, o patriarcado teve início em sociedades agrárias, em que a propriedade da terra e a produção abundante de alimentos se tornaram o principal centro de poder e riqueza. Portanto, “os homens, que realizavam tarefas fisicamente extenuantes, como arar e caçar, conquistaram uma posição dominante e exaltada” (Hennessy, 2012, p.442). Esse surgimento do controle sobre os recursos levou à subjugação das mulheres, que frequentemente eram designadas a papéis domésticos, vistos como menos valiosos aos olhos da sociedade. Consequentemente, as mulheres eram frequentemente submetidas a normas sociais que as impediam de participar de papéis fora de casa.

Alguns historiadores remontam o patriarcado a mais de seis mil anos atrás (4000 a.C.), quando as mulheres foram moldadas para serem submissas, com base na antiga dinâmica familiar em que o homem, “muito mais forte fisicamente, é responsável por caçar a refeição diária e proteger a mulher, que é vista como a mais fraca e cuja função é gerar filhos e cuidar da família” (Kraemer, 1991, p.377). Assim, surgiu uma ideologia subconsciente de que o homem desempenha o papel central, enquanto a mulher é secundária. O patriarcado se desenvolveu desde “o início em prol da separação de tarefas e da aquisição de poder” (Sanderson, 2001, p.198). Com o passar dos anos, as mulheres se tornaram cada vez mais “propriedades” de seus maridos, os quais tinham o controle absoluto e podiam exercer uma função ditatorial sobre elas.

Há quase quatro mil anos, no Código de Hamurabi, a lei determinava que “se uma mulher falasse desrespeitosamente com um homem, a boca dessa

mulher seria esmagada com um tijolo queimado” (King, 1910, p.15). Além disso, “se a esposa de um homem for apontada por causa de outro homem, mesmo que ela não tenha sido pega com ele, por causa do marido, ela deve ser jogada no rio” (King, 1910, p.15). Isso demonstra quanto tempo há que as mulheres têm sido vistas como propriedade de seus maridos, sendo por isso condenadas à morte em casos de adultério (Roth, 1995a, p.119). Embora seja notável que o patriarcado tenha se desenvolvido quando a necessidade de propriedade surgiu, Lerner (1986) argumentou que o patriarcado surgiu antes. Em seu livro *A Criação do Patriarcado*, a autora relata que:

O patriarcado começou quando os homens viram as mulheres como objetos sexuais: quando a escravidão das mulheres como meros objetos de gratificação sexual teve início. A escravidão começou com os homens escravizando as mulheres, e uma dessas formas era o estupro. Além disso, na época medieval, depois que os homens lutavam em guerras e conquistavam, eram frequentemente recompensados com mulheres como esposas e concubinas por sua satisfação sexual. (Lerner, 1986, p.238)

Essa série de ações reduzia as mulheres a “meros prêmios a serem conquistados; objetos de vitória”. (Harris, 1977, p.13) Filósofos antigos, como Aristóteles, categorizavam as mulheres como “incompletas [...] invisíveis [...] espécies diferentes” (Stauffer, 2008, p.929) e isso deu origem à ideologia generalizada de que as mulheres eram mais fracas.

No passado, mulheres poderosas chamadas deusas, que eram francas e desafiadoras, foram destronadas e silenciadas, e qualquer forma de resistência ao tratamento severo dispensado às mulheres era denominada “rebelião”, digna de punição (Lerner, 1986, p.14). Em *A Criação do Patriarcado*, a escritora destacou mulheres feministas que se opunham à opressão masculina como “mulheres não amadas” (Lerner, 2019, p.22), sendo vistas como “rebeldes e sem moral por agirem contra as doutrinas do sistema patriarcal” (Lerner, 2019, p.21).

O patriarcado se opõe ao feminismo e à igualdade de gênero porque restringe os benefícios e o acesso ao poder a apenas um gênero: o homem. Atualmente, o patriarcado se manifesta nas oportunidades de emprego, na cultura, na religião, na educação, em praticamente todos os segmentos da sociedade. Assim, numa forma circular de perpetuação, limita-se a capacidade

de as mulheres provarem sua suficiência e eficácia, para que seus direitos ao poder e aos privilégios masculinos sejam limitados.

O romance de Buchi Emecheta

The Joys of Motherhood é uma obra de arte escrita por Buchi Emecheta, uma escritora nigeriana e ativista dos direitos das mulheres. Publicado no ano de 1979, o livro narra a história de *Nnu Ego*, uma mulher nigeriana e sua jornada pela maternidade. A narrativa explora as complexidades da maternidade em uma sociedade imersa em tradições patriarcais, limitações religiosas e culturais, pobreza e falta de consciência política, social e econômica. A autora enfatiza o tema dos efeitos do patriarcado sobre a maternidade na sociedade nigeriana, retratando as lutas de uma mãe sujeita ao empobrecimento e a restrições sociais severas sob o escrutínio consistente da sociedade. O livro evidencia as implicações e a marginalização das mães na Nigéria de uma forma profunda e engajada, explorando verdades, abordando mitos e preconceitos. Em última análise, aborda os pontos fortes das mães nigerianas que, apesar das limitações em seu caminho, são resilientes para seguir em frente contra todas as probabilidades. Por fim, ele oferece caminhos e contribui com a sabedoria de uma mãe para futuras mães sobre seus fracassos e arrependimentos e sobre a necessidade de as mães se colocarem em primeiro lugar, lutarem por si mesmas e se esforçarem diariamente para ultrapassar barreiras e construir uma vida da qual possam se orgulhar no futuro.

A representação das mães nigerianas em *The Joys of Motherhood*

“*Iya ni wura*”, que se traduz como “mãe é ouro”, é um ditado nigeriano popular da tribo iorubá, que conota o quão precioso é o papel de uma mãe. É uma jornada gloriosa, mas subestimada. É uma posição que tem um começo mas não tem fim. Para a mãe, a vida da criança se torna a vida dela e todos os aspectos de sua vida anterior tomam um desvio. Isso é evidente na vida da protagonista do romance, *Nnu Ego*, uma mulher jovem, vibrante e bonita, nascida em um mundo onde a sociedade determinava a trajetória de sua vida. Ela começa a vida com doutrinas de deveres de esposa e maternidade impressas em sua

mente, tornando esses aspectos o único propósito de sua existência. Neste artigo, abordaremos três representações da mãe nigeriana de acordo com o livro.

O primeiro aspecto que salientarei na representação da mãe nigeriana, no romance, é o da religiosidade. Na era pré-colonial, a religião dominante na Nigéria era o culto tradicional e ancestral. Cada tribo tinha divindades específicas, ritos religiosos e rituais e crenças fomentadas por essas tradições. O cenário principal do livro *The Joys of Motherhood* é Ibuza, do atual estado do Delta, Nigéria. De acordo com os costumes religiosos de Ibuza, adota-se o conceito de reencarnação, entendendo que uma pessoa falecida reencarna e, por sua vez, torna-se o Chi, isto é, o pequeno deus para a pessoa recém-nascida. Este Chi determina o destino do indivíduo. Quanto a Nnu Ego, seu Chi havia sido uma escrava capturada e forçada a uma morte brutal e prematura – enterrada viva – com sua dona. Assim, seu Chi estende a vingança por sua morte impiedosa ao “fechar” o útero de Nnu Ego por um longo período de tempo, o que afetaria seu valor como mulher e esposa nesta vida presente.

Na Nigéria, no passado e no presente, a maternidade é o principal aspecto da vida para todas as mulheres. Por isso, uma mulher estéril ou incapaz de produzir filhos é vista como um fracasso. Além disso, para quase todas as tradições, a crença é de que as crianças do sexo masculino são superiores às do sexo feminino, o que significa que, quando uma mulher dá à luz apenas filhos do sexo feminino, seu valor e honra são questionados. Para Nnu Ego, suas crenças religiosas a levam forçosamente à depressão após anos de casamento sem filhos. A falta de filhos lhe traz maus-tratos, especialmente de seu primeiro marido, Amatokwu. Ela se torna vítima de abuso verbal: “*I am a busy man. I have no time to waste my precious male seed on a woman who is infertile [...] you don't appeal to me any more.*” (Emecheta, 1979, p.32.)¹ E o que se seguiria, pouco depois, é uma cena de violência doméstica: “*The next thing she felt was a double blow from behind. She almost died of shock to see her husband there.*” (Emecheta, 1979, p.35.)²

1 “Sou um homem ocupado. Não tenho tempo para desperdiçar minha preciosa semente masculina com uma mulher infértil... você não me atrai mais.” (Trad. minha.)

2 “A próxima coisa que ela sentiu foi um golpe duplo por trás. Ela quase morreu de choque ao ver seu marido ali.” (Trad. minha.)

Além disso, depois de anos sem filhos, sua posição como única esposa foi ameaçada, pois os planos para uma nova esposa que daria à luz filhos para manter a linhagem familiar estavam em processo de realização.

Nnu Ego would take an egg, symbol of fertility, and kneel and pray to this woman to change her mind. "Please pity me. I feel that my husband's people are already looking for a new wife for him. They cannot wait for me forever. He is the first son of the family and his people want an heir from him as soon as possible. Please help me." (Emecheta, 1979, p.32.)³

Certo dia, a nova esposa chega e Nnu Ego é devolvida à casa de seu pai com seu dote devolvido ao marido para significar o término do casamento, pois na Nigéria é o noivo quem paga ao pai pela futura mãe de seus filhos. Esta sequência de eventos ilustra a sujeição da mulher nigeriana aos papéis tradicionais de esposa e mãe. Sua existência e seu valor estão confinados à sua fertilidade. A escritora lança uma luz brilhante sobre a protagonista quando ela finalmente se casa novamente e dá à luz uma criança que infelizmente morre depois de alguns meses. A morte da criança desestabiliza a mãe, que tenta suicídio devido à vergonha da perda do filho.

No passado e no presente, mães nigerianas têm passado por crises severas de saúde mental desencadeados por abortos espontâneos e mortalidade infantil. Quando uma mulher não consegue ter filhos depois de se casar, a sociedade nigeriana a rotula como um "deserto" e a maioria sofre *bullying* – e, nos dias de hoje, até mesmo *cyberbullying* – de seus familiares, vizinhos, sogros e amigos. Pior, se ela sofre vários abortos espontâneos, acredita-se que ela esteja possuída por um espírito maligno cuja intenção é trazer desgraça para si.

A poetisa e feminista americana Adrienne Rich afirmou que "nenhuma mulher chega à maternidade no vácuo. Desde seus primeiros anos, ela tem sido a receptora de um fluxo contínuo de ditames, determinações, representações e símbolos que emanam de sua cultura e a instruem nas normas da feminilidade" (Rich, 1976, p.32) e isso é particularmente verdadeiro para a mãe nigeriana, pois todos os fatores externos controlam e determinam seu papel na sociedade. "Let

³ "Nnu Ego pegava um ovo, símbolo de fertilidade, ajoelhava-se e rezava [para seu Chi]... para mudar de ideia. 'Por favor, tenha pena de mim. Sinto que o povo do meu marido já está procurando uma nova esposa para ele. Eles não podem esperar por mim para sempre. Ele é o primeiro filho da família e seu povo quer um herdeiro dele o mais rápido possível. Por favor, me ajude.'" (Trad. minha.)

her go [...] she is as barren as a desert." (Emecheta, 1979, p.40.)⁴ São palavras de Amatokwu sobre sua esposa renegada, Nnu Ego, protagonista do romance *The Joys of Motherhood*.

O segundo aspecto, que gostaria de ressaltar, acerca da representação da maternidade no romance, é o da sociabilidade. Embora o mundo gire em torno das opiniões das pessoas que fazem parte da sociedade, hoje esforços conscientes estão sendo feitos para desconstruir visões doentias e rígidas das pessoas em relação aos padrões de beleza, sexualidade, religião, educação e muito mais. No entanto, em *The Joys of Motherhood*, a escritora expõe efetivamente os danos causados pelas expectativas sociais sobre a mãe nigeriana. Ela deve ser forte o suficiente para cuidar da casa, mas não independente o suficiente para viver sem a ditadura do marido. O homem ou pai na Nigéria é retratado no livro como dono da palavra final sobre todos os assuntos da casa.

Primeiro de tudo, o direito da mulher foi desconsiderado na fase do casamento e um marido "adequado" foi escolhido por seus pais e família extensa, fazendo com que a mulher se casasse com quem fosse escolhido por outros e forçada a uma vida sem amor cujo único propósito era a produção de descendentes.

[...] in walked a man with a belly like a pregnant cow, wobbling first to this side and then to that. The belly, coupled with the fact that he was short, made him look like a barrel. His hair, unlike that of men at home in Ibuza, was not closely shaved; he left a lot of it on his head, like that of a woman mourning for her husband. His skin was pale, the skin of someone who had for a long time worked in the shade and not in the open air. His cheeks were puff [...] If her husband-to-be was like this [...] she would go back to her father. Why, marrying such a jelly of a man would be like living with a middle-aged woman! (Emecheta, 1979, p.42).⁵

Essas palavras indicam a decepção do novo marido, chamado Nnaife, um arranjo de casamento feito pelo pai dela. Nnu Ego com o tempo "aprende" a amá-lo e a lidar com ele porque ele, Nnaife, finalmente conseguiu dar a ela o que ela

4 "Deixe-a ir... Ela é tão estéril quanto um deserto." (Trad. minha.)

5 "...andava um homem com uma barriga como uma vaca prenhe, cambaleando primeiro para um lado e depois para outro. A barriga, somada ao fato de ser baixo, o fazia parecer um barril. Seu cabelo, diferentemente do dos homens de Ibuza, não era raspado rente; ele deixava muito na cabeça, como o de uma mulher de luto pelo marido. Sua pele era pálida, a pele de alguém que trabalhou por muito tempo na sombra e não ao ar livre. Suas bochechas estavam inchadas... Se seu futuro marido fosse assim,... ela voltaria para o pai. Ora, casar com um homem tão gelatinoso seria como viver com uma mulher de meia-idade!" (Trad. minha.)

sempre desejou: filhos. Isso mostra a maneira sutil como as mães na Nigéria permanecem casadas com base na satisfação obtida com o parto, pois ao obter sucesso no cumprimento dessa obrigação de mulher a sociedade as vê como uma pessoa vitoriosa. Muitos casamentos na Nigéria são baseados na falta de amor e companheirismo, sendo principalmente fundados na necessidade de procriação.

Além disso, do nascimento da criança até sua adolescência, a mãe é totalmente responsável pela criança. Em seu livro *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*, Forna reassalta que:

O mito da maternidade é o mito da "Mãe Perfeita". Ela deve ser completamente devotada [...] aos seus filhos [...] capaz de enormes sacrifícios [...] Acreditamos que somente ela é a melhor cuidadora para seus filhos e que eles precisam de sua presença contínua e exclusiva. Ela deve incorporar todas as qualidades tradicionalmente associadas à feminilidade, como cuidado, intimidade e delicadeza. (Forna, 1999, p.10.)

Isso resume o argumento central de Forna: que o que muitas pessoas presumem ser a maternidade "natural" é, na verdade, um mito socialmente construído. Na maioria dos casos, a mãe nigeriana supervisiona a manutenção da casa e as finanças também. Ela assume o papel do pai e sua ausência é esquecida. Desde o parto, a responsabilidade recai sobre ela.

With her husband still asleep she slipped out and went to the cook's wife next door. Between them they managed to stifle her labour cries, and Nnu Ego agonised for hours there in the back of their shared kitchen so as not to wake their sleeping husbands [...] (Emecheta, 1979, p.53).⁶

É interessante notar que, por outro lado, o sucesso futuro da criança é creditado ao pai (esteja ou não ele ausente entre a infância e a idade adulta dos filhos), enquanto o fracasso futuro da criança é atribuído à mãe. Este é um fato conhecido na Nigéria e em muitos outros países africanos. A mãe é culpada pelo fracasso e pelos infortúnios de seus filhos, enquanto o pai é elogiado e honrado pelo sucesso. Encobrendo a decadência do patriarcado, a reverência dada ao homem é independente da atenção limitada que dedica aos próprios filhos ou mesmo da completa ausência paterna no processo de criação. "*She was becoming fed up of this two-way standard. When the children were good*

⁶ "Com o marido ainda dormindo, ela saiu furtivamente e foi até a esposa do cozinheiro ao lado. Elas conseguiram abafar entre elas seus gritos de parto, e Nnu Ego agonizou por horas lá no fundo da cozinha compartilhada para não acordar seus maridos adormecidos..." (Trad. minha.)

they belonged to the father; when they were bad, they belonged to the mother. Every woman knew this [...]"(Emecheta, 1979, p.206)⁷

O último aspecto da representação da maternidade nigeriana que gostaria de ressaltar é o da educação dessas meninas, dessas futuras mães. Antes de se tornar mãe, a menina é basicamente doutrinada no reino da maternidade, destituída de outros aspectos em seu processo educacional. Isso ainda era predominantemente assim no século XX na Nigéria, pois as meninas eram vistas como inferiores aos meninos e, portanto, precisavam de menos cuidados. Na maioria dos casos, assim que chega a puberdade, logo são feitos planos para que se arranje para ela um casamento, pois ela era considerada pronta para o casamento. Isso dá origem a muitos casamentos precoces em plena infância, de modo que as meninas, em vez de continuarem seus estudos, são enviadas para a casa do marido. Os perigos disso incluem: uma menina imatura sendo empurrada para uma vida para a qual não está pronta, gestações precoces com parto difícil e, na maioria dos casos, depressão pós-parto, violência doméstica e todo um ciclo que se retroalimenta na criação de filhos e filhas para a reprodução do mesmo modelo de distinção e dominação masculina.

Uma análise de 2013 sobre casamentos infantis na Nigéria mostrou que quatro em cada dez mulheres na Nigéria se casam antes dos 18 anos. O efeito da pobreza e da falta de orientação encoraja os pais a liberarem suas filhas para se casarem entre 12 e 17 anos, o que impacta negativamente a saúde e a educação das meninas. A falta de educação e planejamento familiar leva a gestações múltiplas, com a pobreza interrompendo a nutrição e a manutenção adequada das crianças. No livro de Emecheta, *Nnu Ego* dá à luz nove crianças, todas elas vivendo em um único quarto e bebendo todos os dias um mingau conhecido como "gari", feito à base de água e "farinha de mandioca", o que deixava as crianças emaciadas e desnutridas.

Além disso, a menina é obrigada a deixar a escola após completar o "ensino fundamental". Depois disso, ela é induzida a aprender alguns artesanatos para usar as habilidades em seu novo lar enquanto aguarda o casamento. Isso é representado na história de *Nnu Ego*:

⁷ "Ela estava ficando farta desse duplo padrão. Quando os filhos eram bons, pertenciam ao pai; quando eram maus, pertenciam à mãe. Toda mulher sabia disso..." (Trad. minha.)

The girls were encouraged to continue with their petty trading [...] They still hawked oranges after school because as their mother Nnu Ego kept saying, "A girl needs to master a trade to help her in later life." The boys, on the other hand, were encouraged to put more time into their school work. (Emecheta, 1979, p.180.)⁸

No final da narrativa, a mãe está muito arrependida, pois os filhos homens dos quais ela esperava receber cuidados na velhice tiveram sucesso e viajaram para o exterior, deixando-a sozinha e esquecendo-a. Enquanto as meninas que ela obrigou a deixarem a escola para se casarem, tornaram-se seu pilar de força à medida que ela envelhecia até sua morte, mostrando a relevância das meninas na sociedade e na instituição familiar e indicando uma rota de fuga em que a sororidade entre filhas e mães se apresenta como uma estratégia de resistência e de sobrevivência para o envelhecimento feminino na Nigéria.

Conclusão e contribuição

The Joys of Motherhood pode ser lido como a voz de um grupo subalternizado apropriando-se da linguagem e dos recursos discursivos dos grupos hegemônicos, particularmente a literatura, como uma estrutura de prestígio social. Neste sentido, o patriarcado é representado em diversos aspectos da subalternização da mulher nigeriana, convergentes na representação da maternidade experimentada por Nnu Ego. A escritora Buchi Emecheta, em 1979, já dava voz à marginalização e às lutas das mães na Nigéria sem inibições e sem receios. Com seu título evidentemente irônico, trata-se de um livro que narra os sofrimentos das mães nigerianas, especialmente no século XX, mas refletindo condições ainda presentes neste início do século XXI na Nigéria. A autora narra como uma mãe dedicou sua existência completa à maternidade como um trabalho, como sua carreira e como sua vida, enquanto falha em cuidar de si mesma, em se educar, construir sua carreira e liberar seu potencial máximo.

Nnu Ego had allowed herself to wonder where it was she had gone wrong. She had been brought up to believe that children made a woman. She had had children, nine in all, and luckily seven were alive, much more than many women of that period could boast of. Most of her friends and colleagues had buried more children than they had alive; but her god had been merciful to her. Still, how was

⁸ "As meninas foram encorajadas a continuarem com seu pequeno comércio... Elas ainda vendiam laranjas depois da escola, porque, assim como sua mãe, Nnu Ego continuava dizendo – 'Uma menina precisa dominar um ofício para ajudá-la mais tarde na vida.' Os meninos, por outro lado, eram encorajados a dedicarem mais tempo às atividades escolares." (Trad. minha.)

she to know that by the time her children grew up the values of her country, her people and her tribe would have changed so drastically, to the extent where a woman with many children could face a lonely old age, and maybe a miserable death all alone, just like a barren woman? [...] Nnu Ego told herself that she would have been better off had she had time to cultivate those women who had offered her hands of friendship; but she had never had the time. What with worrying over this child, this pregnancy, and the lack of money, coupled with the fact that she never had adequate outfits to wear to visit her friends, she had shied away from friendship, telling herself she did not need any friends, she had enough in her family. But had she been right? (Emecheta, 1979, p.219.)⁹

Essas preocupações e arrependimentos da protagonista são um indicador das consequências de as mães introjetarem o patriarcado e, por isso, negligenciarem a si mesmas, desistindo de seus sonhos, tudo em prol da maternidade. Felizmente, na Nigéria atual, muitas dessas ideologias estão desaparecendo gradualmente, pois hoje a maior parte das mães podem, ao mesmo tempo, viver a maternidade e construir suas carreiras com sucesso. Hoje, casamentos precoces para meninas são proibidos e as meninas são encorajadas a irem à escola, mesmo até o grau de doutorado. Hoje, temos mães poderosas como Chimamanda Ngozi Adichie (renomada escritora nigeriana e ativista feminista), Ngozi Okonjo Iweala (a atual diretora-geral da Organização Mundial do Comércio), Folorunsho Alakija (a mulher mais rica da África) e muitas outras mulheres que mostraram que a maternidade não precisa ser uma limitação, mas sim um fator de motivação e empatia para que as mulheres possam fazer o que precisa ser feito para contribuírem de forma global e inspirarem as gerações mais jovens de mães e meninas.

A representação das mulheres de acordo com o livro *The Joys of Motherhood* é, portanto, uma visão engajada sobre a experiência da mulher

⁹ “Nnu Ego se permitiu imaginar onde foi que ela errou. Ela foi criada para acreditar que filhos fazem uma mulher. Ela teve filhos, nove ao todo, e felizmente sete estavam vivos, muito mais do que muitas mulheres daquele período poderiam se gabar. A maioria de seus amigos e colegas enterrou mais filhos do que vivos; mas seu deus foi misericordioso com ela. Ainda assim, como ela poderia saber que quando seus filhos crescessem os valores de seu país, seu povo e sua tribo teriam mudado tão drasticamente, a ponto de uma mulher com muitos filhos poder enfrentar uma velhice solitária, e talvez uma morte miserável sozinha, assim como uma mulher estéril?... Nnu Ego disse a si mesma que ela teria ficado melhor se tivesse tido tempo para cultivar aquelas mulheres que lhe ofereceram mãos de amizade; mas ela nunca teve tempo. Com a preocupação com essa criança, essa gravidez e a falta de dinheiro, juntamente com o fato de que ela nunca teve roupas adequadas para usar para visitar seus amigos, ela se esquivou da amizade, dizendo a si mesma que não precisava de amigos, ela tinha o suficiente em sua família. Mas ela estava certa?” (Trad. minha.)

assim chamada *millennial* na maternidade, mas é também uma previsão do futuro das mães nigerianas, permitindo vislumbrar as novas perspectivas para as meninas em sua jornada para a maternidade, oferecendo soluções para promover uma sociedade nigeriana em que as meninas recebam o máximo de educação e orientação, de modo que, quando se tornarem mães, elas possam continuar a ser o sal da terra da sociedade nigeriana que nunca deveria ser ignorado ou desprezado, mas bem apreciado como uma fonte de motivação para outras mães nigerianas e para as mães negras em todo o mundo. *Iya ni wura!* Viva às mães nigerianas e viva à maternidade!

Lerner (1986, p.31) afirma que o patriarcado, como sistema, “é histórico e, portanto, também pode se extinguir por meio do processo histórico. Por não ser um fenômeno natural, é possível aboli-lo”. Se o patriarcado fosse natural, seria impossível mudá-lo, pois estaria enraizado em alguma lei-imutável da natureza. Hierarquias de gênero e dominação masculina foram construídas ao longo do tempo por meio de práticas culturais, legais e institucionais. No entanto, como o patriarcado é um produto da história, ele é mutável e pode ser desconstruído e combatido por meio de processos de ativismo, reformas legais e mudanças culturais. O patriarcado é socialmente construído e pode ser alterado pela sociedade para alcançar a igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Translated by Constance Borde and Sheila Malovany-Chevallier. New York: Vintage Books, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- CATALANO, Ana Claudia. "Patriarcado: origem e desenvolvimento histórico." *Revista Estudos Feministas*, v.24, n.2, 2016, p.285–300.
- CIXOUS, Hélène. "The Laugh of the Medusa." *Signs*, v.1, n.4, 1976, p.875–893.
- EMECHETA, Buchi. *The Joys of Motherhood*. London: Heinemann, 1979.
- FISHLEDER, Ana. *Maternidade Patriarcal*. São Paulo: Todavia, 2023.
- FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p.11.
- GREEN, Adam. Patriarchy. *Gender & Society*, v.24, n.6, 2010, p.968–975.
- HARRIS, Marvin. *Cannibals and Kings: The Origins of Cultures*. New York: Random House, 1977.
- HENNESSY, Rosemary. "Patriarchy." In: *The Encyclopedia of Gender and Society*, v.2. Thousand Oaks: SAGE, 2012. p.441–443.
- KING, Leonard W. *The Code of Hammurabi*. London: Luzac and Co., 1910.
- KRAEMER, Ross S. The Other as Woman. *Journal of Feminist Studies in Religion*, v.7, n.2, 1991, p.373–392.
- LERNER, Gerda. *The Creation of Patriarchy*. New York: Oxford University Press, 1986.
- LERNER, Gerda. *The Creation of Patriarchy*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2019.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek–English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1843.
- O'REILLY, Andrea. *Mother Outlaws: Theories and Practices of Empowered Mothering*. Toronto: Women's Press, 2006.
- RICH, Adrienne. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. New York: W. W. Norton, 1976.
- ROTH, Martha T. *Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor*. 2nd ed. Atlanta: Scholars Press, 1995a.
- SANDERSON, Stephen K. *The Evolution of Human Sociality*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2001.
- STAUFFER, Jill. Aristotle and the "Incomplete" Women. *Hypatia*, v.23, n.3, 2008, p.920–937.
- SADHGURU. Motherhood Is Not Biology but Inclusion. 2024. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/article/motherhood-not-biology-inclusion>. Acesso em: 21 de novembro de 2025.
- THURMAN, Judith. *Introduction to The Second Sex*. New York: Alfred A. Knopf, 2011.
- UNICEF. *Child Marriage in Nigeria: Data Overview and Trends*. New York: UNICEF, 2013.
- WALBY, Sylvia. *Theorizing Patriarchy*. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Trends in Maternal Mortality: 1990–2015 – Estimates by

WHO, UNICEF, UNFPA, World Bank Group and the United Nations Population Division.
Geneva: WHO, 2015. Disponível em:
<https://www.who.int/reproductivehealth/publications/monitoring/maternal-mortality-2015/en/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

Representations of Nigerian motherhood: patriarchy, resistance, and the deconstruction of the maternal ideal in Buchi Emecheta's *The Joys of Motherhood*

ABSTRACT

This article examines the multifaceted ways patriarchy structures the lived experiences of Nigerian mothers through the intersecting spheres of religion, society, and education, using Buchi Emecheta's *The Joys of Motherhood* as a central literary lens. Grounded in feminist and postcolonial theoretical frameworks, the study analyzes how patriarchal norms dictate maternal expectations, moral authority, and gendered responsibilities, positioning motherhood as both a site of cultural value and profound vulnerability. Through the character of Nnu Ego, Emecheta exposes how religious traditions reinforce prescribed femininity, how societal expectations naturalize women's sacrifices as markers of virtue, and how limited access to formal education perpetuates women's economic and emotional dependency. The article argues that *The Joys of Motherhood* not only critiques the structural mechanisms that sustain patriarchal power but also illuminates the emotional and material toll inflicted on mothers who strive to fulfill idealized roles within an inequitable system. By foregrounding these dynamics, the study contributes to broader discussions on gender, motherhood, and social transformation in Nigerian literary and cultural studies.

KEYWORDS:

Patriarchy
Motherhood
Nigerian society
Religion
Education

SUBMETIDO: 5 de setembro de 2025 | **ACEITO:** 18 de outubro de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025
© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
